

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

**ROCHA MARTINS**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

## Os que vieram atraz . . .

Os homens e os seus prazeres — O mal estar do ano 1900 — O pavor do bolchevismo — Geradores de revoluções — Os que abrem as portas aos rebeldes

Devia ter sido numa epoca calamitosa — de guerras ou de torturas — que os franceses, voluveis e de ligeiro pensar, inventaram o *je m'en fiche*. Os portugueses mais inconstantes e de menor tempera de resistencia ás agruras, de menor capacidade patriotica e de menor senso pratico, crearam, ha tempos, a frase egoista e definidora do seu estado de alma; quem vier atraz que feche a porta.

Quere dizer: os que ficarem que o ganhem! Os que gerei que se arranjem!

Eis a decadencia do sentimento de familia, da solidariedade com os parentes, do desdem por tudo quanto não disser, pessoalmente, respeito a cada um de nós. Os outros estão muito desarraigados da nossa emotividade e como nunca se pode fazer planos, engendrar jogos na vida da incerteza, não se resiste, ganha-se um tédio colossal por tudo, e a existencia, para a maioria, resume-se naquella frase e num movimento de hombros que é mais de desalento que de resignação.

A idea que o bolchevismo póde chegar a desagregar as fortunas, a tirar aos remediados o seu bem estar relativo, a destruir toda a tranquillidade e toda a pernicioso vida das velhas sociedades, enerva e perturba e, então, chega-se áquella formula como se em vez de homens, capazes de encararem de frente os problemas da sua época, os portugueses fossem almas fracas servidas por estomagos resistentes.

Os mais republicanos desejavam viver numa época — já se vê depois de terem o seu aconchego — como era a de D. Luís e do começo do reinado de D. Carlos. A republica, se enriqueceu alguns, roubou-lhes os gosos com estes sobresaltos e como se fala da mudança social no ar de uma cousa segura, possível, para chegar amanhã ou depois, ha já quem proceda como no ano 1.000 ao espalhar-se a balela do acabamento da terra, do fim do mundo.

Em todo o caso houve ainda os que não acreditaram, mas nem por isso foram mais felizes. Os bens acumulados — ganhos julgava Francisco I que não havia nenhuns — sofreram as modificações torturantes duma derrocada. O mundo não acabou, mas como o povo crente, aguardando o fim da terra, levava meses a folgar ou em resas, num desvario, num terror, compondo para o *Juizo Final* a sua carga de pecados ou de boas obras, o desequilibrio dera-se na produção e a Jacquerie, a ansia dos esfaimados em bandos, em mesnadas, em exercitos assolou o orbe.

Acreditar firmemente, numa coisa, acatar coletivamente uma balela, um boato, uma grande ideia ou uma miseria politica, equivale a garantir-lhes o triunfo. E' como nas epidemias. Ha, durante estes flagelos, gente que morre por vêr morrer por uma auto sugestão terrivel. O mesmo se dá com a loucura, com o medo, com o panico que faz desta humanidade — que vòa e quer escalar os ceus — o vil rebanho, filho do instinto animal, nada sublimado, todo de tropeis e de pavores, ao menor movimento e ante um imaginario perigo. Assim se crearam as divindades do paganismo e do raio e do trovão se fizeram expoentes das coleras de Jehovah.

O bolchevismo, que gerou esta resignada e quasi desdenhosamente maneira de encarar o futuro, tem assim mais probabilidades de victoria. Primeiro, porque entra nas almas como uma possibilidade, penetra nelas e aninha-se como um facto, segundo, porque os geitos que o mundo leva fazem luzir como evidencia o que pode ser apenas uma alucinação colectiva.

Os argumentos apresentam-se em fila, disciplinados, hirtos: a Russia, reconhecida pelas maiores nações, um governo trabalhista na Inglaterra, outro esquerdista em França, os tronos aluindo-se e as proprias cadeiras presidenciais em cavacos, uma consciencia nos exercitos, o fim dos grandes militares, a bravura pessoal quasi não contando na guerra e não gerando, por isso, admirações, factores de fanatismos a crearem semente dos Cesares; as mulheres misturadas na vida publica, o desamor pelo lar, como querendo entregar á assistencia social os filhos, producto de seus praseres e materia prima dos novos rebanhos humanos.

Vê-se tudo isto e crê-se numa derrocada; encolhe-se os hombros e resmunga-se: quem vier a traz que feche a porta.

Falam assim os homens mais ricos, os gananciosos negociantes, os

millionarios, que tudo analisam para ganhar mais dinheiro, mas aos quais falta a serenidade para encararem os mais vulgares problemas da sociedade, onde são os agentes de maior tomo.

—Mas porque trabalha ainda? Porque quer enriquecer mais? pergunta-se-lhes. E eles, por vezes, esquecidos, querendo ter um grito sentimental, olvidando a sua frase egoista, exclamam: «E' para os meus rapazes.» Ocultam assim o seu desengano acerca do que os espera e escondem a rasão primacial de seus gestos: vivem dominados por uma febre de lucro, de ganho, de acumulações, que muitas vezes não lhes dão outros gosos senão os de satisfazerem seus instinctos. Os «seus rapazes» são meras abstrações e o «quem vier atraz que feche a porta» é a formula de despeito por uma victoria alucinante da turba a voltear-lhe nas suas cabeças.

Se Deus não os quizesse perder, emprestaria um raio de doce claridade ás trevas de seus animos, que o oiro não póde iluminar. Dylhes-ia: «vocês não percebem que quanta mais explorações exercerem, menos «os seus rapazes» teem possibilidade de herdar; vocês não comprehendem que quanto maior riqueza se acumular, em poucas mãos, menos probabilidades teem de a transmitir, porque, se as explorações geram as revoltas, a ganancia cria os desesperos das victimas. Um homem a suar, abarando a rêde onde o outro dormita, é o simbolo dos vossos processos e dos males dos povos. Acordem e não sejam avarentos, nem maus, nem tenham corações de mós, porque, desde que um rei, Francisco I, perguntou onde estava o testamento de Adão, que legava a Carlos V o senhorio de dominios, nos quais nunca se punha o sol, os párias andam á busca desse documento, para se inteirarem da origem da propriedade.»

Deus, se quizesse salva-las, mandar-lhes-ia, em sonhos, ao menos, como nos velhos templos biblicos, estes avisos e estes conselhos, mas parece que, na sua nuvem algodoada, se compraz em perde-las entre um côro fabuloso de santos, que foram, na terra, humildes e victimas das barbaridades dos ricos de almas empedernidas.

Ainda é tempo, porém, de deter essa onda que lhes faz já amargar os prazeres, que os leva a ocultar no «quem vier atraz que feche a porta», o seu grande desespero de, na realidade, não deixarem integros os seus milhões aos filhos. E bastava que quizessem, para os tornar felizes. Esses florescentes rebentos de suas paixões, ou simplesmente de suas animalidades, receberiam um pouco menos, mas ser-lhes-ia mais util o dinheiro. Bastava, para issò, que os paes não quizessem, por todos os modos, por todas as infames burlas a que chamam altos negocios, ganhar tanto. Tudo resaha e um suor viscoso, como o do ultimo mamouth, na agonia de uma raça, que se ia extinguir, num urro formidavel, já deve molhar certas frentes por detraz das quais o remorso não faz guarida.

O meio é simples. Ha uma maneira de evitar uma derrocada — diz-se — é não escavar tão profundamente os alicerces do que estava equilibrado. Eles não querem ouvir e serão, com os seus, as primeiras victimas. Ter uma profissão util é o capital de amanhã e geralmente os descendentes dos homens da cupidez do ouro não tem outra senão a de entregarem às sacerdotisas do verdadeiro Cupido o dinheiro que custou as lagrimas de legiões. Elas, as distribuidoras das riquezas, as creadoras da justiça na sua loucura, instrumentos sociais da perversidade, encarrregam-se de vingár os humildes.

Dizia-se outrora: Pai galego — o que produzia —; filho fidalgo — o que desbaratava; neto ladrão: o que, criado na opulencia e, arruinado, se lançava no crime.

Agora é mais do que isto é a hecatombe. E como não querem parar na locupletação, em vez de ser os que vierem atraz que fecharão a porta, são eles — na sua febre de oiro — que a abrem ao tão detestado bolchevismo.

# O teatro Joaquim de Almeida e os edis

A arte e o municipio — Avenidas e Históias —  
Alves Cabral e os cofres da Camara — Estaque aos pobres e aos artistas — O meu fundo  
protesto

Dois actores, que à custa do seu proprio esforço souberam distinguir-se, deliberaram edificar um teatro destinado ao genero popular. Francisco Judicibus e Casimiro Tristão não se pouparam a pesares, a sacrificios e a incomodos de toda a ordem tomados pelo grande desejo de crear um palco lisboeta no qual prepassassem as peças destinadas aos humildes, numa norma edncativa e a preços modicos. Ao mesmo tempo representariam as obras primas estrangeiras e portuguesas, emfim, seriam eles — artistas — que se substituiriam ao municipio na ação que lhe compete.

É que em todas as capitaes existem teatros com taes intuitos nos quaes os actores só teem que representar. O capital português é pouco atreito a empregos artisticos; os orçamentos municipaes não possuem margem para taes dispendios, embora na sua sombra se tenham maniganciado diversas mixordias. Ainda quando a actual vereação tomou posse se encontraram complicadas as contas dos democraticos da gerencia anterior. Por sinal alguns deles, que não tinham nada, passeiam de corpo alto dizendo-se negociantes.

Não sendo possivel, pois, erguer um teatro para o povo não me parece que ao aparecer edificada, essa casa de espetaculos, por uma luta tenacissima de dois humildes, haja alguem com direito de a demolir.

O teatro existe já; chama-se Joaquim de Almeida, em memoria do meu querido velho, que foi o mais independente dos actores, a sua egide cobre aquelas taboas destinadas à sagração duma arte e uma esperança enche os corações dos artistas, do publico, dos cultores do genero. É ali, na rua de S. Bento, à esquina do lado da rua do Rato e devia inaugurar-se em breve. Digo, devia, porque a Camara Municipal o embargou.

Os meus leitores sabem que sou vereador ou antes que fui pois não me disponho a voltar ás sessões. Sou um combativo e não me sujeito a disciplina diante de problemas que desejo apreciar a meu modo. Das fileiras do meu partido entendo que, ante os adversarios, só ha uma ação: a de combater. O povo vibraria a cada protesto violento da nossa opposição formal; repugna-me a paz quando nos fazem eterna guerra.

Mas deixemo-nos de explicações sobre o meu modo de pensar e vamos à demolição do teatro.

A certa altura um vereador republicano — o sr. dr. Daniel Rodrigues — propôz que se liquidasse aquele edificio. É que se prepara uma avenida chamada Alvares Cabral e o teatro fica na sua directriz. Lisboa, a dama suja, cubiça mais uma fistula. Alvares Cabral, descobridor do Brasil, bem pôde voltar à descoberta de capitaes para os trabalhos porque os coíres camararios estão vasio. Mas, enfim, quere-se uma fistula para a porcaria citadina e quere extripar-se o teatro.

Boquejou-se, tambem, que a ideia da representação de peças avançadas — julgo que no teatro não irá nenhuma — indispuzera os burguezes republicanos desejosos de entreter as imaginações do povo com as cantaridas dissolvidas em capilé das revistas do ano.

Não acredito que um radical, como aquele vereador, tenha tomado tal decisão, em virtude desta ultima balela; é certo, porém, que se opôz, com todas as suas forças, à continuação das obras e isso desequilibrou a existencia dos proprietarios do teatro, dos artistas desempregados, que contavam com aquele auxilio — e bastantes são — e a de quem ali enterara os capitaes.

Mais tarde o meu correligionario, dr. Beirão da Veiga, reforçou a proposta do republicano e, como se um sêlo forte tivesse chancelado a decisão, morreu a esperança de se possuir em Lisboa um teatro do povo.

Beirão da Veiga — constatei-o ha dias, após um incidente — é um homem de character recto. Julgo-o assim desde esse dia.

Herdou dois nomes limpos. Beirão da Veiga, quando lhe falei do teatro e da sua opposição, quando lhe disse apontarem como razão do seu ataque a das obras a exhibir e lhe disse que não seria assim, pelo menos por um firme proposito, declarou-me, singelamente, que apenas se manifestara por causa da futura avenida e de julgar sem segurança o edificio. Os bombeiros teem, neste ponto, opinião contraria. A avenida é um sonho dos Cócós do regimen contando, repito, com o Alvares Cabral a descobrir maquinas, visto ter descoberto o Brasil. Uma cidade onde não ha moradias nem para os mortos não tem direito de ir abater algumas casas afim de se aformosear porque lembraria aquelas senhoras que se lavam com pedacinhos de algodão, pintam as faces, e quando se despem cheiram muito mal.

Não teria falado neste assunto — do meu costumado modo — se a

imprensa não começasse a indignar-se ante a opposição dos meus ex-colegas, de ambos os partidos, no municipio.

Por mim lavro o protesto com as armas que possuo e declaro, mais uma vez, esperar a reflexão dos edis diante de tal atentado.

Se a opposição, quando tomou os seus logares, tivesse exigido representação na comissão administrativa, sem o que se retiraria, deixando nos outros as responsabilidades, ou se numa ação rija se estreasse eu estaria ainda na Camara, onde fui algumas noites palpitar a assembleia e da qual me retirei porque não costumo empregar o meu tempo em inuteis discussões.

O partido monarchico, ali, sem representação activa é como uma visita naquela sala onde estive, à semelhança duma figura de cêra, receosa de se derreter no calor das eloquentes discussões.

É crível que, a esta hora, monarchicos e republicanos já tenham retomado o seu bom senso e decidido deixar de pé o teatro. Se assim não acontecer hão de apresentar razões sérias e nessa ocasião as discutirei em logar de maior retumbancia do que a obtida pelas paginas de um pamfleto caro demais para chegar ao povo. A minha voz póde-se abafar mas o que não se abafará em mim será o brado do mais forte protesto contra um municipio que não limpa as ruas e quere fazer avenidas.

## Folheando as "Memorias dum Vencido"

Revelações sobre homens e factos — Os misteriosos dizeres de alguns republicanos — O autor do livro e a "republica," — Conceltos do dr. Afonso Costa — Como nas "Duas Flores de Sangue,"

O dr. Antonio Claro é um velho republicano que entrou no 31 de Janeiro e sofreu demorado exilio por suas opiniões.

Durante largos anos deu ao seu crêdo, à sua paixão politica, o melhor de sua acção e de seu valor. Foi membro do directorio do seu partido, no norte, e, quando a republica triunfou, imaginou ter chegado, enfim, a éra da felicidade para Portugal.

Novamente, porém, o sr. dr. Claro teve que emigrar e os motivos da sua saída da patria para o exílio — como em 1891 — dil-os num livro que acaba de publicar e que intitidou *Memorias dum Vencido*.

Este republican, com a republica proclamada, considera-se um vencido. Ainda, diante das provas da incompetencia dos dirigentes, da maldade duns, das falhas de principios doutros, ele não perde a sua fé num ideal e imagina a republica — deusa abstracta — capaz de regenerar o país. Acusa os homens e não quere vêr que os regimens são apenas a expressão de quem os governa. As idealidades de Platão só seriam possiveis se todos os governados tivessem a mentalidade do filosofo. Assim como um «fraco rei faz fraca a forte gente», do mesmo modo um bandido não pode dirigir senão quadrilhas.

Bem puderam dar a *Fra Diavolo* — e esse era um romantico criminoso por amor — a farda de coronel do exercito napolitano, que ele continuou a pilhar. De resto é mais parecido com um bando de salteadores um exercito em tempo de guerra do que qualquer dos politicos dirigentes desta epoca republicana, com um João Palomo — outro romantico da Serra Morena. É que o quadrilheiro expõe-se e o politico manda expôr os outros. Tal é a base duma governação. O cerebro dos chefes é o guia da sociedade. Eles são santos? Todos os quereim imitar. Eles são miseraveis? Ultrapassá-los-hão, os governados, porque os homens tem maiores tendencias para o mal do que para o bem.

O sr. dr. Antonio Claro acusa os dirigentes; implicitamente tem que acusar a republica.

Serenamente o digo, porque não sou um faccioso e transplanto sempre para o campo economico os erros dos regimens politicos. Demagogia



e plutocracia são fórmulas que se completam. Os geradores das demagogias são hoje o amparo dos plutocratas. A republica em Portugal só assim pode viver, a não ser que entre no campo do comunismo, porque, dêste modo, arrazaria as ganancias. Isto, porém, convem tão pouco aos depositarios do mando como a monarquia. O que se criou foi uma razão social de comedorias para os apóstolos. O sr. dr. Antonio Claro não póde crer no futuro duma republica assim e a prova está nos materiais que vem trazer para a historia dos seus homens, isto é, para o rebôco da propria instituição.

As *Memorias dum Vencido* são o expoente duma desilusão que não se quere confessar. As suas paginas são setas que vão ferir homens, os quais, alvejados como colunas do regimen, não o poderão sustentar immaculado.

As letras dêsse volume, assinado por um soldado do Porto republicano, tornado, mais tarde, num chefe, são como balas despejadas sobre uma bandeira que julgou pura e se tornou corsaria. É que, na sua sombra, medram os individuos que o republicano condena. A fé nem sempre resiste ante a maldade dos que a indicam como um principio de sua defeza pessoal envolta numa ampola sacrossanta.

O que lhe dizemos aqui, é, no fim de contas, a expressão mais literaria — só por falta de relações com o autor do livro — das palavras com que o grande republicano dr. Azevedo e Albuquerque o interrogou, ao vê-lo assolado pelos vencedores:

«— O' dr. Claro, foi para isto que você arriscou a vida no 31 de janeiro, emigrou, esteve preso e respondeu em conselho de guerra? Valeu tambem a pena eu ser aferrolhado no Aljube por causa da revolução? Este regimen, note bem, em vez de ser o que prégamos, é uma verdadeira «arrepubica».

Devo dizer que não gosto do termo que o notavel professor da Politecnica do Porto empregou para designar a contrafação da republica, mas entendo que achou uma frase boa para cair no ouvido do povo: *arrepubica*: um misto da locução plebêa, aplicada à massa da nação. Já não é a republica, é a *res publica*, com seu *arre* arripiante a estalar numa tragica chicotada, dada na besta que pretende salvar-se das cargas nojentas de seu carregado lombo.

O autor das *Memorias dum Vencido*, referindo-se ainda ao dr. Azevedo e Albuquerque, concíui:

«A sua voz poderosa tinha unção profetica! A morte, pouco depois, poupou-o de vêr retalhado e reduzido a massa informe seu genro, o senador dr. João de Freitas, para socego de Afonso Costa e regozijo de João Chagas.»

Alguma cousa de misterioso ha nos dizeres de todos os republicanos quando se referem à tragedia do Entroncamento e é crível que eu, um dia, ponha a claro as cousas e, se realmente de alguma terrível scena de selvageria se trata; é possível, ainda, que o castigo venha a chegar aos autores do martirio do republicano.

Tenho aqui uma curiosa nota do meu pobre amigo Machado Santos, depois assassinado tambem, relativa à morte de João de Freitas. Neste

regimen, os homens perderam absolutamente a noção da serenidade e andam a matar-se como inimigos selváticos.

Deixai-me, porém, voltar às *Memorias dum Vencido*, isto é, dum republicano das primeiras horas, escapo, por sua vez, à furia homicida duma horda que o desejava assassinar no momento em que ele mais purificava a republica. Sabem quando era? Quando a defendia da protervia e dos republicanos. Ele diz como via manchado o seu sonho:

«A plutarquia Teofilo Braga, Antonio José de Almeida, Brito Camacho e Bernardino Machado, as satrapias de João Chagas, Duarte Leite, José Relvas, Augusto de Vasconcelos, Fernandes Costa e outros de igual categoria levavam à arreata os seus asseclas para a festa pantagruelica da joven democracia, lançando ao olvido as lindas tonhas da propaganda! Mas só assim conseguiram a nomeada de grandes lhomens que não é para invejar.

«O nosso alarme espaiu-se como a voz do viandante atacado, vencido e devorado por uma alcateia.»

Vencido, pudera! O engeitado de Ceia não perdoava a quem se colocava na sua frente. Cheio de pesar, eu digo que a morte de Sidonio se deveu a tê-lo deixado sair da prisão, mas é para mim ponto assente que não se repetirá jámais semelhante generosidade. Aquele homem e seus sequazes e congêneres — oh! esses malditos emprezarios da guerra, todos enriquecidos à custa do nosso sangue! — tem uma dívida enorme para com o país.

Já se vê que, para triunfar, não será precisa aquela fórmula, que deve ser para aqui trasladada:

**«Para vencer tenho as cadeias e quando elas fôrem insuficientes, os cemiterios.»**

Dêste modo — ainda segundo as *Memorias dum Vencido*, — afixou seus pensamentos o chefe demagogico, falando com o illustre advogado brasileiro dr. Pinto da Rocha àcêrca, de todos nós.

E bem o tentou, mas, como era medroso em demasia, não accionava senão por detraz das espadas daqueles que insultava quando não serviam as suas âncias de ganho. Fugiu de Portugal; tem mêdo de defrontar portugueses, mesmo em Paris, onde se absolvem os vingadores politicos, vive numa largueza de milionario e possui, de rastos, nestes pampas, uma turba de escravos.

Eu não o sou, nunca o fui. Tenho, para meu uso, um compendio sobre as tiracias, mesmo as grotescas como a dele e de seus parciais. A republica é isto — e não será mais nada dirigida por esse bando de devoristas sem grandeza nem fé politica — e, neste caso, não sei porque ainda nela confia o sr. Claro, que, como a personagem das *Duas Flôres de Sangue*, sentiu as republicas a as monarquias agindo em suas justças.

A diferença, porém, está num ponto fundamental: é que sob o regimen monarchico conspirou e foi absolvido e no republicano buscava purificar o ideal e ia sendo vencido de vez: assassinado.

# Um chefe de Estado e os pontapés da democracia

O que são expressões parlamentares — O desabafo e a hipocrisia — Os arruídos ante as exclamações violentas — As democracias e os seus presidentes — O cadafalso e o pontapé

Quando na Camara Francesa se tratou da resignação do sr. Millerand, como mr. Falry se admirasse dos termos em que se queria «fazer a execução do chefe de Estado», Cachin, de pé, libelou a sua replica nestes termos:

— E a pontapés no trazeiro . . .

Acharam pouco parlamentar a palavra e tumultuou-se enquanto os comunistas cantavam a *Internacional*.

Não sei onde principiam e acabam os termos parlamentares mas a expressão empregada por Cachin—embora não fosse merecida pelo ex-presidente—pareceu-me suavizada. Ele podia empregar um termo mais popularesco e corrente até em conversas de gente engravatada.

Já outro dia, na Camara Portuguesa, um deputado o sr. Antonio Maia, foi alvo duma apoupada por ter soltado uma palavra que não deixa de ser tão correntia que até parece ser um dos atributos lisboetas. Vê-se a cada passo, penetra as casas com as suas exalações vindas das ruas onde se estadeia; fede no Aterro, bordeja na praia, rebenta dos canos e a-pesar-de já se ter cavado no Rocio um semi-metropolitano para a especie, não deixa de aparecer em quasi todas as manifestações da vida nacional a substancia com que o deputado classificou um decreto.

Indignadamente se ergueram os parlamentares e subiu um fétido de boa companhia composta de charuto barato, vapores do almoço e suor das canceiras e das lides num recinto fechado.

Ser ou não ser parlamentar o que se pronuncia num parlamento é questão para encher muitos *Diarios das Sessões*.

Ninguém é obrigado a possuir um dicionario de sinonimos nem

os que representam o povo são obrigados a falar verdade. O que se deve averiguar, após essas incontinências de linguagens, é a veracidade das asserções.

Dar um pontapé no trazeiro dum chefe de estado, era, segundo mr. Cachin, uma necessidade; titular de mal cheiroso um decreto ministerial era, segundo o sr. Antonio Maia, um axioma. Pois só se discutiam os termos não se importando com a sua essência.

Para demais nos parlamentos francês e português não ha senhoras nas bancadas, são pessimas as condições acusticas das salas, e todos os honrados representantes das duas nações, pelo menos uma vez em sua vida, teem oferecido pontapés e pronunciado o plebeismo de excremento, cuja forma é mais energética e mais retumbante.

É sempre uma hipocrisia pretender calar um desabafo.

O sr. Millerand, conforme o sr. Cachin diz, produzira males, exorbitára, não correspondera ao seu papel e assim como num arranco, numa colera, se grita a respeito dum empregado mau: «ele o que precisava era dois pontapés», do mesmo modo o extremista entendeu aplicar os mesmos ao primeiro funcionario da França.

Essa idéa de rodear um chefe de Estado de respeitos, de nos obrigar a vê-lo como a personificação da patria, tem limites, e, às vezes, não chega mesmo a haver razão nem para simples atenções para com ele, sobretudo nas democracias.

Suponha-se que um parlamento, ao eleger o presidente da republica, se manifesta de forma a torná-lo apenas o delegado dum partido. É a maioria que elege, mas essa maioria pode ser homogenea, representar só um grupo e, por consequência, quando escolhe um dos candidatos é o seu, os outros não lhe reconhecem qualidades. Ora digam-me, o que deve desejar o partido vencido ante a imposição dum individuo que combate?

— Pô-lo fóra e a pontapés no trazeiro.

É possível que, muito delicadamente, oculte essa vontade, se roce pela subserviência, mas deve sentir sempre o pé a tremelicar, o bico da bota em convulsões, a perna a retezar-se. E, de riso nos labios, a cabeça descoberta, o partido contrario ao eleito finge respeitos enquanto resmunga:

— O que tu precisavas era pontapés no trazeiro...

Os jornalistas que servem essa facção, naturalmente, tambem teem muita vontade de escrever o mesmo, mas derretem o bestunto em amabilidades, resmoneando, depois, para os amigos:

— O que ele precisava, etc.

Prefiro a estas maneiras doces, que occultam venenos, a estas mentiras, a estas delicadezas, as frases expressivas, as verdades que andam ao de cima de nossa sinceridade ou, pelo menos, o que julgamos ser a pureza em nossas intenções.

O sr. Cachin não se coibiu e a sua frase rija não foi mais do que expressão de seu pensamento. Se ele arranjasse uma retórica maneira de dizer o mesmo, passaria despercebida até dos taquígrafos.

Suponha-se que, ocultando o seu pensamento, dizia:

— Fôra do Elyseu aos empurrões . . .

Ninguém protestaria, embora um empurrão seja mais violento muitas vezes do que um pontapé. Geralmente o condenado esquiva-se e o agressor fica de pé no ar. O pontapé é mais uma figura do que um facto na vida dos cidadãos, mesmo em França onde as ameaças são quasi sempre acção do *panache* embora se refiram aos pés.

O que eu desejo deduzir é o seguinte: Prefiro a expressão do que se sente, à hipocrisia vil.

O sr. Cachin — expoente dum pensamento democratico — tornar-se-ia num cortesão — como os das velhas côrtes — se em lugar do atirar a sua imprecação, torneasse a frase:

Assim não; foi de acôrdo com os principios que se pronunciou:

Liberdade de dizer, Igualdade na distribuição, Fraternidade nos gestos. Diante disto poderia um radical deixar de usar da liberdade e de tratar um cidadão, ao qual desejava dar pontapés, de maneira diferente da empregada para com outro?

Muito peor succedeu a Luís XVI, que, em vez de levar pontapés, ficou sem cabeça.

Realmente ha muito mais tolerancia para com os chefes de Estado nas democracias.

## Uma divindade invalida

O bastidor duma acusação — Um alto commissario e seus sacristães — Angola e a república — Paiva Couceiro e a sua obra — Ha motivos secretos na demissão?

—«Não me parece que Londres seja sanatorio para invalidos coloniaes». Assim se exprimiu no Parlamento — referindo-se à nomeação do sr. Norton de Matos para embaixador em Inglaterra — o sr. Rodrigues Gaspar. Esta frase, vinda dum correligionario do ex-alto commissario de Angola, causou profunda sensação mas ninguem lhe profundou as origens.

A causa que mais deve custar a um politico é passar por cumplice dum acusado, é tentar salvar um homem porque pertence ao seu navio, faz parte da equipagem de sua embarcação, e, no fim, ele proprio surgir a acusar-se ou a lançar-se ás ondas alterosas. E este o caso do sr. Gaspar, cumplice do sr. Norton, no 14 de maio, seu amparo quando dos ataques que lhe foram feitos, ao começo, finalmente, seu correligionario, amigo e parceiro na conjura.

Quando Cunha Leal, numa das suas mais brilhantes campanhas parlamentares, lançou o seu anatema sobre a má administração da colonia, creou a atmosfera contraria ao seu dirigente, envolveu na toga sangrenta de Caligula o antigo monarchico, alçado ás culminancias da república, o partido democratico, num arranco, numa anciedade — senão consciente, ao menos de natural solidariedade com o acusado — fez a sua defeza e, composto o incidente, ao que parecia, Norton de Matos deliberou voltar ao seu governo, ir olhar de alto — como um abutre — as ruinas do que fôra uma colonia prospera.

Mas, de repente, por um sortilegio, por uma magica reviravolta, cuja origem deve ter sido certa conversa com o dr. Afonso Costa, o «grande organisador» que gerara a ruina, escreveu ao presidente do conselho uma carta, enviou-lhe um telegrama — por sinal pediria, depois, que fossem rasgados esses documentos — e solicitou o cargo de embaixador em Inglaterra.

Seria o seu sangue inglês que o atraíra para a patria de seus avós a representar, decerto sem brio nacional, um país onde o acaso o fizera nascer?

É possivel, mas como o partido democratico — no qual se inscrevera

dizendo que um homem da sua idade ao atirar-se a uma asneira é de cabeça — não tem cousa alguma com a circulação sanguínea dos seus membros e não quiz compreender semelhante movimento fisiológico.

O que ele viu foi a vitória de Cunha Leal, do nacionalista inimigo, a razão do homem que apregôa a salutariedade das ditaduras bem intencionadas e condena as exercidas pelo dr. Afonso Costa sobre os seus correligionários e sobre o seu sobado — o país; o que ele compreendeu — esse partido a esfacelar-se — foi a entrada do adversário nos seus redutos, a confissão dos delitos apontados ao seu filiado e saída de sua própria bôca. E como o tinham amparado, defendido, enaltecido, os democraticos irritaram-se, e mais do que todos eles o sr. Rodrigues Gaspar, ministro das colônias de vários gabinetes. Daí a frase que fez eco: «não me parece que Londres seja sanatório para invalidos colônias».

Agora, após os protestos dos amparadores do alto comissário por todos os seus centros, juntas e sociedades revolucionárias, depois daquele grito de alma, solto por um dos corifeus partidários, ocorre-me perguntar se a invalidez do sr. Norton de Matos, como colonial, se deu de repente enquanto na metrópole tomava sangue novo?

Durante as sessões do Parlamento — às quaes assisti com todo o interesse que sinto pela figuras do meu tempo — só ouvi elogios, dos democraticos, a Norton: ele era «o grande organisador»; o temperamento de aço que nos levara à guerra; ele era «o colonial illustre» e o «chete nato». Como se tivessem tocado num Cesar os escravos imprecavam o ousado, o atrevido. E apareciam individuos a segredar infamias relativas ao atacante, e surgiam interessados, em vários negocios de Angola, chamando blasfemias ao que ouviam. Norton era um admiravel administrador. Rostos palidos de deputados voltavam-se para o acusador e eu adivinhava, nas suas comoções, os concessionários de um territorio vastissimo doado pelo alto comissário aqueles seus correligionários esperando a sua solidariedade no parlamento.

Norton era um grande homem vitimado por um inimigo talentoso mas que saíria triunfante da ação em que esforçadamente pelejara.

Foi apagada, mole, triste, a defesa de Norton e eu comparei-o a um reu que conta com a benevolencia do júri. De repente, como se um remorso o acossasse, não quizesse vêr o local do crime, desmancha todos os seus argumentos e não pensa senão em afastar-se, em meter-se numa nova capa dourada e ir figurar numa côrte com o seu nome britânico, a sua fama de antigo amigo dos aliados e a sua fleugma ante as acusações.

A subitas, tambem, como nas fantasmagorias, aquele semi-deus da selva, aquele dominador, esse Lyautey angolense, aparece como um invalido colonial, apoiado a suas muletas, incapaz dum esforço, dum passo. É um perdido, é um resto, é um inutil.

Em vez de Norton, o grande, passa a ser Norton reduzido. Em lugar dum canto da historia deixam-lhe apenas — e com resmungações — uns predios em Algés; em troca do manto de purpura e da corôa çivica atiram-lhe uma restea de alhos como aos tenores enrrouquecidos dos theatros de feira.

Invalido colonial!

Escuta-se a derrocada dum homem que só faz ruido a cair porque encheram de ouro a sua natural vacuidade.

\*  
\*   \*  
\*

Numa reunião de coloniaes, quando se apreciava a situação em Angola, diante dos veteranos das lutas commerciaes na provincia, um deles, e dos mais autorisados — o sr. Mariano Machado — exclamou:

«Deem anistia a Paiva Couceiro e condenem-no a governar Angola durante cinco anos».

Seria a salvação. O velho colonial disse e uma salva de palmas o acolheu seus dizeres.

Foi este o ruido com que os verdadeiros trabalhadores daquela provincia corresponderam ao provocado pela queda de Norton.

Ficou-se nisso. Paiva Couceiro é um monarquico, é um rebelde e grande foi a coragem do sr. Mariano Machado em lhe pronunciar o nome, com tal corôa civica a envolve-lo, na hora em que se demolia, no parlamento, o transluga das fileiras nas quaes aquele grande soldado é um incontestado chefe.

Couceiro não irá governar Angola mas já a dirigiu e com tanto amor, brio, valor e honradez que os aplausos sobem, ante o seu nome, por parte dos que o enalteceraam por sua ação. Todavia, esse governador, não fez mais do que seguir as normas da sua eterna conduta. Ele não armazenou livros nos bancos de Londres, não mandou fazer predios nem se preparou para dar a sua filha um dote pingue, não fez favores a troco de presentes nem deixou que outros roubassem, tampouco perseguiu vesanicamente os indifferentes à sua gloria. Couceiro nem sequer matou um cavalo porque ele o deitasse abaixo da sela. Sendo bom cavaleiro não precisava abater o animal que o desfeiteasse. Pois Norton fez tudo aquilo e passou por grandioso, por sublime, por inegalavel nas bôcas democraticas, até ao momento presente.

E, então, ocorre perguntar: Só agora deram pela sua invalidez? Fraco ministro das colonias era então o sr. Gaspar pois foi necessario que o outro se confessasse derrotado para vêr toda a inandade de seus processos.

Já o sabiam ha muito incompetente «invalido» e não o declaravam? Grandes culpados são os que no momento presente o accusam só porque eles os abandona.

E de tudo isto o, que se apura finalmente — se eu, ou mais alguem, não contar a verdadeira rezão da saída do sr. Norton de Angola, onde mesmo entre ruinas viveria até as pulverisar — é mais uma pagina infecta da historia da administração e da politica republicana.